



DL-01

Ses. Esp. 13/12/13

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial com a finalidade de fazer a entrega da Comenda 2 de Julho aos historiadores Cid Teixeira e Luís Henrique Dias Tavares, proposta pelo deputado Zé Raimundo.

Convido para compor a Mesa o Exmº Sr. Deputado Zé Raimundo; a Srª Senadora da República Lídice da Mata; a Srª Fátima Fróes, diretora da Fundação Pedro Calmon, representante do governo do Estado da Bahia; Sr. Presidente da Academia de Ciências e ex-governador do Estado da Bahia, professor Dr. Roberto Santos; Magnífica Reitora da Universidade Federal da Bahia Dora Leal; Sr. Walter Pinheiro, presidente da Associação Baiana de Imprensa; Srª Consuelo Pondé, diretora Do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia; Srª Marly Geralda, professora de História da Universidade Federal da Bahia; convido a professora Evelina de Carvalho, representante do Presidente da Academia de Letras, Aramis Ribeiro;

Solicito ao Cerimonial desta Casa para conduzir a este recinto os dois homenageados, Cid Teixeira e Luís Henrique Dias Tavares (Pausa).

Convido todos os presentes para acompanhar a execução do Hino Nacional Brasileiro pela Orquestra de Berimbaus Afinados Dainho Xerequê.

(Apresentação Hino Nacional.)



7899-III

Ses. Esp. 13/12/13

Or. Zé Raimundo

Comenda Dois de Julho aos Historiadores Cid Teixeira e Luís Henrique Dias Tavares.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Concedo a palavra ao meu querido amigo, proponente desta sessão, deputado Zé Raimundo, para saudar os homenageados.

O Sr. ZÉ RAIMUNDO:- Bom-dia a todas e a todos os senhores presentes, neste instante, aqui, neste plenário da nossa Assembleia Legislativa do Estado da Bahia.

Inicialmente, gostaria de saudar a mesa de honra, cumprimentando o deputado Marcelo Nilo, presidente da nossa Casa; a Exm^a. Senadora Lídice da Mata; a Sr^a Fátima de Fróes, diretora da Fundação Pedro Calmon, Fátima de Froes, que nesse ato também representa o governo do Estado; cumprimento o Sr. Presidente da Academia de Ciências da Bahia, o ex-governador Dr. Roberto Santos; Magnífica Reitora da Universidade Federal da Bahia, Dora Leal; Sr. Presidente da Associação Baiana de Imprensa, jornalista Walter Pinheiro; Sr^a Diretora do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, professora Consuelo Pondé; saúdo a professora Marli Geralda da Universidade Federal da Bahia, do departamento de história daquela instituição; cumprimento a professora Evelina de Carvalho Sá que nesse ato representa a Academia de Letras da Bahia, Sr. Presidente Aramis Ribeiro, e de forma especial cumprimento e abraço os queridos mestres professor Cid Teixeira e o professor Luis Henrique Dias Tavares.

Cumprimento a todos os presentes, professores, colegas da rede estadual, da Universidade Federal da Bahia, muitos dos quais colegas de graduação da UFBa e hoje muitos também colegas de ensino de história das nossas universidades, sintam-se todos cumprimentados e abraçados.

Gostaria, presidente Marcelo Nilo, de agradecer a iniciativa de V.Ex^a em viabilizar a aprovação das duas resoluções que concedem a Comenda 2 de Julho a esses dois queridos mestres. E, por extensão, cumprimento todos os deputados que de forma unânime aprovaram essa proposição. Serei breve. Inicialmente, saudando nossos homenageados.



(Lê): “A Comenda 2 de Julho foi instituída por esta Casa de Leis, em agosto de 1999, com o objetivo de homenagear pessoas que tenham contribuído, de diferentes maneiras, para o desenvolvimento político-administrativo e sócio cultural do Estado. Propostas de nossa autoria, as presentes outorgas, foram aprovadas por meio das resoluções nº 2.191 e 2.192, de 22 de outubro de 2013.

Esta é uma justa homenagem que a ALBA presta aos professores Luís Henrique Dias Tavares e Cid Teixeira e é inteiramente justificada e baseada em inúmeras razões, em incontáveis qualidades e atributos que compõem e integram as vidas dos nossos queridos homenageados.

Suas ricas biografias carregam os marcos do nosso tempo, tempo transcorrido a partir dos meados do segundo quartel do século XX. Duas vidas, duas trajetórias, muitas histórias, histórias individuais, histórias coletivas, das quais somos todos, de uma forma ou de outra, também personagens. Histórias que só podem ser recuperadas por meio de lembranças, de recordações compartilhadas do mosaico que sempre é o passado.

Poderíamos listar e descrever, aqui, as diversas contribuições, as múltiplas atividades que ambos protagonizaram a essa altura das suas vidas, abarcando os fazeres profissionais, a produção acadêmico -intelectual e literária, as funções e cargos exercidos.

Mas sem dúvida, foi no campo das ciências humanas, das ciências sociais, para ser mais preciso, no metier historiográfico, no território da pesquisa e do ensino da história que ambos se notabilizaram. Muitas gerações de professores e pesquisadores foram gratificadas pelo convívio que tiveram com esses queridos mestres, se beneficiaram de suas enciclopédicas culturas historiográficas, de suas preleções, orientações, dos seus ensinamentos. Ambos, cada um a seu modo, com seu estilo, ajudaram a moldar muitos de nós, educadores e professores hoje atuantes em vários cantos da Bahia e do Brasil.

Dessas ricas biografias, lembremos apenas traços breves, porque se fôssemos detalhar as suas contribuições para o desenvolvimento político, social e cultural da Bahia alongaríamos esta sessão por horas e horas.

LUÍS HENRIQUE



Historiador, jornalista e escritor, Luís Henrique Dias Tavares nasceu no dia 25 de janeiro de 1926, na cidade de Nazaré, na Bahia. É graduado em Geografia e História, Bacharelado e Licenciatura, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFBA (1948 - 1951). É Doutor em História por concurso de Livre Docência, com defesa de Tese, prova escrita e oral. Realizou Pós-Doutoramento na Universidade de Londres, de cujas pesquisas resultaram o Livro reconhecido nacionalmente *Comércio Proibido de Escravos*. Exerceu o cargo de Diretor do Arquivo Público do Estado da Bahia no período de 1959 a 1969. É Professor Emérito da Universidade Federal da Bahia. Possui ainda diversos outros títulos, como Sócio Emérito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Sócio Emérito do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, Sócio Emérito da Academia Portuguesa da História, Professor Honoris Causa da Universidade Estadual da Bahia, além de integrante da Academia Baiana de Letras.

A Bahia é o tema recorrente na sua trajetória de pesquisador e de elaborações historiográficas, de ensino e produção intelectual em geral. Aspectos centrais e decisivos para a compreensão do nosso passado tornaram-se objetos de investigações e análises nesses mais de 50 anos de atividades acadêmicas do Professor Luís Henrique e abarca obras de caráter abrangente, como o seu clássico trabalho "História da Bahia", publicado em 1959, sempre renovado e atualizado, passa pela ênfase em temas relativos às insurgências do povo baiano em fins do Século XVIII, conhecidas como A conjuração baiana, A Revolta dos Alfaiates e Revolta dos Búzios, percorre ainda a sua obra os tortuosos caminhos do tráfico de escravos, após as inúmeras leis que o proibiam, e também a sua obra marcada na tentativa de compreender os enigmas da estagnação do nosso desenvolvimento industrial na passagem do Século XIX e no transcorrer da primeira metade do Século XX.

A vasta obra historiográfica que faz parte da lavra do ilustre homenageado não encerra as competências e qualidades intelectuais das quais é possuidor, pois também é autor de fecundas e criativas obras literárias, entre as quais se destacam contos, crônicas e novelas.

Por ser um dos mais destacados intelectuais da Bahia, mestre de muitas gerações, com reconhecimento em muitos centros acadêmicos em todo o Brasil e no exterior, ao homenageá-lo, o fazemos na certeza de estarmos expressando o desejo e o sentimento de



muitos dos seus ex-alunos, orientandos, amigos e colegas. Mais que isso, demonstramos reconhecimento e respeito a um homem que faz do saber um compromisso permanente em prol da construção de uma sociedade mas justa e fraterna.

CID TEXEIRA

Um dos maiores vultos da intelectualidade baiana do século XX, bacharel em direito, historiador, jornalista e escritor, Cid José Teixeira Cavalcante nasceu em Salvador, em 11 de novembro de 1924. De sólida e ampla formação cultural, de caráter enciclopédico, o professor Cid é um verdadeiro repertório de informações, um acervo vivo, uma mente privilegiada, um mestre que se dedicou, a vida inteira, à pesquisa, aos estudos e ao ensino de saberes variados no campo das ciências humanas, abarcando desde a genealogia até as áreas de urbanismo, arquitetura e as artes, sendo uma referência indispensável para a compreensão da formação histórica social e cultura da Bahia.

Primeiro dos cinco filhos de Cidália e José, foi chamado Cid José, porém ficou mesmo conhecido como Cid Teixeira. Estudou no antigo Ginásio da Bahia (1936-1943) e formou-se em Direito pela UFBa (1944-1948). Entretanto, jamais foi advogado. Desde cedo dedicou-se ao estudo de História, como funcionário do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia depois percorrendo a carreira acadêmica. Ali iniciou-se em pesquisas, como copista de documentos. Já em 1944 começou a carreira de magistério secundário, sendo admitido, dois anos depois, enquanto ainda estudava Direito, como auxiliar de ensino da Escola de Belas Artes da UFBa, na cadeira de História da Arte.

Em 1949, fez concurso para a rede estadual de ensino secundário e, logo em seguida, para livre docente na Universidade Federal da Bahia. Desde então, passou a se dedicar ao magistério de História na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBa e na UCSAL.

Foi também diretor da Fundação Gregório de Matos e implantou o Serviço de Rádio Educação do Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia. Atuou como jornalista em vários periódicos de Salvador, chegando a exercer a função de editor chefe da *Tribuna da Bahia*, e tem centenas de artigos publicados em jornais e revistas, além de vários livros editados e organizados.



O seu saber intelectual transita de elaborações mais complexas a abordagens mais simples acerca da vida social, cultural e do cotidiano do passado e do presente do nosso Estado. Narrador original e criativo, assuntos áridos tonam-se, na sua linguagem, de fácil entendimento para qualquer cidadão comum, como ficou evidente quando o historiador ganhou o reconhecimento dos anônimos baianos no programa radiofônico *Pergunte ao José*, no qual respondia dúvidas sobre a história de Salvador e da Bahia. A simplicidade de seus relatos e da sua argumentação cativou milhares de baianos, motivando-os e estimulando-os a conhecer o nosso passado. Por isso ganhou de Jorge Amado, em *Bahia de Todos os Santos*, o carinhoso qualificativo de historiador a serviço do povo.”

Foi uma honra para nós esta iniciativa, que na verdade é o sentimento de muitos alunos, ex-alunos, amigos e colegas dos nossos homenageados.

Para finalizar, lerei a carta de um ex-aluno do professor Cid Teixeira.

(Lê) “*Ao Professor Cid Teixeira,*

Ave!

A vez derradeira que estive com o ilustre professor, faz tempo, mal me lembro. Aquela voz de baixo profundo, arauto anunciador de valores hoje já completamente conspurcados pelo século dos grandes equívocos, o vinte, por raras vezes me deu o privilégio de ouvir prédicas de texturas suleimânicas quando ainda bem moço eu me espantava diante de um raro saber enciclopédico, que me não só deixava de caído o queixo, como também mais me instigava a adentrar os labirintos percorridos por tribos e nações da através da História.

Sinceramente, de coração, eu não gostaria... eu gosto de se estar presente pudesse nesta tão merecida homenagem que, o que sobrou da Bahia, presta neste dia ao tão ilustre e querido professor Cid Teixeira, que já em idos tempos quando ainda moço, era conhecido no meio estudantil de então, por antonomasia como: Enciclopédia ambulante.

Salve malungo

Ave cavaleiro

Com fraterno abraço do seu amigo Elomar.”



ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA BAHIA

DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA

Muito obrigado a todos os presentes. Agradeço as presenças honrosas de todos os senhores e senhoras.

(Não foi revisto pelo orador.)



DL-02

Ses. Esp. 13/12/13

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Gostaria de convidar para compor a Mesa o meu querido amigo deputado federal Amauri Teixeira.

Gostaria de convidar os filhos do professor Luís Henrique, Luís Guilherme, Cláudia Teixeira e Milena, a nora Romilda, a neta Tamires e o deputado Zé Raimundo para lhe entregarmos a Comenda Dois de Julho ao professor Luís Henrique.

(Entrega da comenda)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Gostaria de convidar o professor Roberto Santos, a senadora Lídice da Mata e o deputado Zé Raimundo para juntos entregarmos a Comenda Dois de Julho ao professor Cid Teixeira.

(Entrega da comenda)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Tendo em vista compromissos assumidos anteriormente, terei de me ausentar, assim como a senadora Lídice da Mata, para um compromisso no Comitê Estadual de Turismo, com a presença do governador Jaques Wagner. Gostaria de passar a presidência dos trabalhos ao deputado Zé Raimundo.

Muito obrigado.



7900-III

Ses. Esp. 13/12/12

Or. Dora Leal

Comenda Dois de Julho aos Historiadores Cid Teixeira e Luís Henrique Dias Tavares.

O Sr. PRESIDENTE (Zé Raimundo):- Dando continuidade à nossa sessão solene, concedo a palavra à Magnífica Reitora da UFBa, Professor Dora Leal.

A Sr^a DORA LEAL:- Bom dia.

Gostaria de saudar: o deputado Zé Raimundo, que agora preside a sessão e é o proponente desta homenagem; a Dra. Fátima, que dirige a Fundação Pedro Calmon do nosso Estado da Bahia e que, recentemente, organizou uma bela homenagem ao nosso homenageado de hoje, Luís Henrique. Nela - eu estava rememorando, Fátima - descobrimos que ele, além de intelectual, romancista, conhecedor da nossa história e produtor de livros sobre ela, também foi ator. Fátima descobriu um filme em que o professor Luís Henrique participava de uma cena integrando uma orquestra. Então, tivemos essa grande surpresa.

Cumprimento o Dr. Roberto Santos, presidente da Academia de Ciências da Bahia, mas principalmente reitor da UFBa naquele momento em que a nossa universidade e as outras universidades federais foram redefinidas e reestruturadas, integrando este novo cenário do nosso País. Saúdo o Sr. Walter Pinheiro, presidente da Associação Bahiana de Imprensa, mas também ex-aluno da Universidade Federal da Bahia, como há pouco ele próprio me relatou. Foi estudante da nossa Faculdade de Economia e hoje tem um doutorado, sonho perseguido por mais de 30 anos. Cumprimento ainda a professora Consuelo Pondé, diretora do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e professora da UFBa, onde implantou o Centro de Estudos Baianos. Quero saudar também Marli Geralda, professora de História da nossa universidade. Lendo as atas do Conselho, Marli, descobri que você foi indicada como representante da comunidade do nosso Estado para integrar o Conselho Universitário. Isso há mais de 30 anos, não é? Cumprimento a Sr^a Evelina Hoisel, professora titular do Instituto de Letras, mas aqui representando a Academia de Letras da nossa Bahia.

Queridos homenageados Cid Teixeira e Luís Henrique, professor Zé... Mencionei professor, na verdade, porque o deputado Zé Raimundo também é professor de História e em



boa hora propôs homenagear dois historiadores, professores de História, escritores e pesquisadores da nossa história. Acredito que foi no sentido de dizer a todos nós o quanto a história é importante para que possamos construir o nosso País. Nós não podemos nos esquecer de que o presente e o futuro se fazem através da nossa compreensão do passado. Por isso, o trabalho do historiador é fundamental.

Permitam-me só um parêntese. Na nominata o nome do deputado Amauri estava após o dos homenageados. Deputado Amauri Teixeira, me perdoe, mas queria também, de público, agradecer a sua intervenção no Congresso Nacional. Quando a Bancada da Bahia discutia o Orçamento da União para 2014, os deputados Amauri Teixeira e Alice Portugal defenderam para a nossa universidade uma emenda importante para que nós possamos ter um centro de esportes digno da Universidade Federal da Bahia. (Palmas!)

Eu vinha referindo-me à relevância deste ato, que reconhece o importante trabalho dos nossos homenageados, os queridos Luís Henrique e Cid Teixeira, não apenas como professores de História, pesquisadores e escritores, mas principalmente como representantes da defesa da memória do nosso passado.

Também queria aproveitar esta oportunidade para fazer um pedido, deputado Zé Raimundo. E pediria a V.Ex^a que o levasse ao deputado Marcelo Nilo. E ao deputado federal Amauri Teixeira, que o levasse à Bancada da Bahia. Gostaria que esta homenagem a Luís Henrique e Cid Teixeira se transformasse num ato muito maior, um ato de reconhecimento da importância das bibliotecas, dos museus, documentos e arquivos, porque somente através deles poderemos ter novos historiadores como Luís Henrique e Cid Teixeira - Marli Geralda e Consuelo Pondé também são historiadoras - preservando as fontes primárias e nos ajudando a escrever sobre a nossa história.

Nossas bibliotecas, nossos arquivos e museus demandam pessoal qualificado, recursos, para que possamos manter esses acervos, e demandam, principalmente, o apoio do Estado, para que não nos esqueçamos da nossa história.

O deputado Zé Raimundo apresentou, a todos nós, as biografias dos professores Cid Teixeira e Luís Henrique. Luís Henrique estudou a escravidão no nosso País, e teve muito trabalho, ele foi a Londres pesquisar sobre esse assunto. Como vocês sabem, muitos



dos documentos foram queimados quando da Abolição da Escravatura. Se perdemos documentos, como não temos mais pessoas que possam contar a nossa história, vamos esquecer o nosso passado. Daí esse apelo para que essa homenagem aos nossos historiadores também seja uma possibilidade de apoiarmos o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, que está perdendo a sua coleção porque o seu telhado está ameaçado de desabamento.

O Arquivo Público do nosso Estado, do qual Luís Henrique foi diretor, a própria UFBA, que teve um aporte significativo de recursos, precisam de muito mais recursos, porque educação e cultura custam muito caro, mas a ignorância custa muito mais. (Palmas)

Quero finalizar reiterando o simbolismo dessa Comenda 2 de Julho, o que ela significa não apenas para nós, baianos, mas o que ela significa para o Brasil. O 2 de Julho é, hoje, uma data nacional. É a nossa data, mas também a data do Brasil, porque significa, como os historiadores disseram, o momento em que o Brasil rompe com a dominação colonial, colocando-se como sujeito da história, como protagonista da história, novo ator no cenário mundial. Por isso o 2 de Julho é importante para o Brasil, e não apenas para a Bahia.

Por isso mesmo temos que preservar a memória do 2 de Julho, voltando a renomear lugares que perderam essa identidade. (Palmas) Voltando a dar o seu nome a lugares que precisam saber que o 2 de Julho é a festa da Bahia, é a festa da Independência da Bahia, mas no fundo é a festa da Independência do Brasil, do Brasil que queremos soberano, porque o Brasil conhece a sua história, o seu potencial. O Brasil que acredita em ser um País desenvolvido, inclusivo, em que todos os brasileiros tenham o direito à cidadania em sua plenitude.

Professor e deputado Zé Raimundo, o Dr. Roberto Santos tem a maior satisfação em ser chamado de professor Roberto Santos. Não apenas reitor, governador, mas professor Roberto Santos. Luís Henrique e Cid Teixeira orgulham-se em ser professores. Não terem sido, mas serem ainda.

Acredito que o deputado Zé Raimundo se orgulha muito de ser professor, porque o ato do magistério nos permite dizer às gerações que irão nos suceder o quanto é importante conhecer a nossa história; o quanto é importante forjar uma sociedade democrática; uma sociedade para o desenvolvimento.



ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA BAHIA

DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA

Muito obrigada.

(Não foi revisto pela oradora.)



7901-III

Ses. Esp. 13/12/13

Or. Consuelo Pondé de Sena

Comenda Dois de Julho aos Historiadores Cid Teixeira e Luís Henrique Dias Tavares.

O Sr. PRESIDENTE (Zé Raimundo):- Quero registrar as presenças do vice-presidente do Conselho de Educação, professor Sérgio Guerra; do subsecretário da Educação e ex-reitor da UESB, professor Aderbal Meira Castro; do chefe de gabinete da Secretaria da Educação, o historiador e professor Sérgio Miranda; e do chefe de gabinete da Embasa, Luiz Teles.

Concedo a palavra à professora Consuelo Pondé, presidente do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia. (Palmas.)

A Sr^a CONSUELO PONDÉ DE SENA:- Saúdo o Sr. Presidente da Mesa, deputado Zé Raimundo, colega e professor de história, como também os demais membros da referida Mesa Diretora.

Saúdo, especialmente, o Dr. Roberto Figueira Santos, pois digo, sempre, ex-governador, reitor e, também, presidente de honra do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia para nossa honra.

Saúdo o meu caro presidente, Dr. Walter Pinheiro, da Associação Bahiana de Imprensa, uma das instituições que mais quero; a professora e reitora Dora Leal; a professora Marli Geralda; a professora Evelina Hoisel e a professora Fátima da Fundação Gregório de Matos.

Meus caros homenageados, a Casa da Bahia foi a matriz inicial de estudos históricos nesta terra e foi fundada em 13 de maio de 1894, portanto, completará 120 anos. Em tal casa, reuniam-se as grandes celebridades da Bahia não somente da área de história, mas de investigação em geral como médicos, advogados, desembargadores, políticos, ou seja, toda aquela seleta companhia frequentava e dava vida à casa.

Tanto Cid como Luís Henrique estão, profundamente, ligados à Instituição.



Cid foi criado lá dentro, pois começou a vida como *boy* do Instituto. Ele é uma pessoa ligada por laço de parentesco ao secretário perpétuo, o Dr. Francisco da Conceição Menezes. Foi menino criado na casa.

Luís Henrique, também, começou a frequentar a casa muito cedo e a defendeu, perante o Poder Judiciário, por mais de uma vez. Sou muito grata a ele como também a Consuelo Novais Sampaio por terem feito seus depoimentos a favor da casa embora o juiz não tenha aceitado os depoimentos deles ao alegar que os mesmos eram suspeitos porque eram historiadores.

Quero dizer com isso que o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia está muito feliz com a outorga destas medalhas a dois ilustres historiadores. Penso que tal honraria demorou demais, Zé Raimundo. As honrarias deveriam ter acontecido antes. Homenagens devem ser prestadas em vida – felizmente os dois estão vivos e ainda bem – para serem participadas com os familiares, com os alunos e com as pessoas ligadas aos homenageados.

Devo dizer poucas palavras. Contudo reitero a minha alegria em ter dois membros do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, neste momento, sendo homenageados por esta Casa do Povo da Bahia.

Muito obrigada. (Muitas palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)



7902-III

Ses. Esp. 13/12/13

Or. Walter Pinheiro

Comenda Dois de Julho aos Historiadores Cid Teixeira e Luís Henrique Dias Tavares.

O Sr. PRESIDENTE (Zé Raimundo):- Dando continuidade, concedo a palavra ao jornalista Walter Pinheiro, presidente da ABI.

O Sr. WALTER PINHEIRO:- Saúdo o Exmº Sr. Deputado Zé Raimundo, presidente desta brilhante sessão especial, que teve a brilhante iniciativa de propor estas homenagens aos dois grandes historiadores. Assim, temos, hoje, a oportunidade de receber e prestar as devidas homenagens.

Querido amigo, digníssimo governador, ministro e professor Roberto Santos, a quem tanto admiramos e, também, devotamos. E, na pessoa de V.Exª, professor Roberto Santos, permita-me saudar os demais integrantes da Mesa, já aqui nominados. Saúdo as demais autoridades presentes e esta seleta plateia que tanto dignifica e honra a realização deste encontro.

Venho aqui em nome da Associação Bahiana de Imprensa, mais especificamente em nome da nossa querida professora Consuelo Pondé de Sena que me antecedeu e que, também, honra muito a ABI por integrar o seu conselho.

Em nome de nosso Luís Guilherme, filho do homenageado, que tanto trabalha e dignifica aquela instituição, em nome do nosso Ernesto Marques, que também se faz presente, vice-presidente da Casa, e também Antônio Jorge, que aqui se encontra presente, e outros que não puderam comparecer, mas, que se integram a esta mais do que justa homenagem. Falo também, acima de tudo, em nome da *Tribuna da Bahia* pela condição de o nosso professor Cid Teixeira ter sido seu redator-chefe e ter ensinado tanto àquela turma de jovens que lá estavam em momentos tão duros da ditadura, aqueles momentos amargos que o Brasil viveu, e ele lá estava no comando daquela redação, assim como já tinha acontecido no *Diário de Notícias*.

É muito conhecida aquela expressão de que há certos momentos em que faltam as palavras. Ao contrário disso, em momentos como este sobram palavras e temos que nos



conter porque sabemos que outros falarão, e o tempo também é importante para a consecução deste ato. Mas homenagear um historiador do nível do professor Luís Henrique Dias Tavares, por tudo aquilo que ele realizou e ainda realiza, pela fonte permanente que ele ainda se caracteriza para os jovens repórteres, estudantes, pesquisadores, isso é algo mais do que justo.

Lembro aqui passagens mais ligadas à imprensa do próprio professor, que muitos não conhecem, mas lá em Nazaré, onde nasceu, ele lançou, juntamente com Clóvis Naia, um jornal cujo nome era *O Parlapatão*. Esse foi o primeiro, sua primeira experiência na área da imprensa. Mas ele teve também uma passagem muito marcante no jornal, já com uma tendência comunista, aos tempos da época em que o Brasil vivia as suas disputas, e ele lá presente. Colunas no *Jornal da Bahia* onde falava com o título dos bichos e que tanto sucesso teve naquele tempo, ele se revezava com Vasconcelos Maia, então, seja como poeta, seja como historiógrafo, enfim, um nome que é uma lenda, um nome que aí está e que muito orgulha a todos aqueles que estão vinculados à imprensa, especialmente à Associação Baiana de Imprensa.

O nosso professor Cid Teixeira, aqui já dito de todas as suas virtudes, mais uma delas tão interessante. Cid Teixeira era o *Google* da época. (Risos/palmas) Hoje é muito fácil irmos ao *Google* procurar saber o que significam as coisas. Aquele tempo, não. Liga para a *Rádio Cultura*, procura o José, ninguém sabia mas ele se escondia através do José – “Pergunte ao José” – e vamos saber o que significa colher, de onde vem colher, quem inventou a colher... E estava lá Cid dando um monte de explicações sobre a origem da colher ou por que se chamava muriçoca. Isso era uma das coisas pequenas, lembranças. Mas, de qualquer maneira, é muito importante que possamos conviver, é um privilégio que aqui estejamos num momento como esse convivendo com figuras tão dignas, tão ricas que podem passar tanta e passam tanta experiência para todos nós como acontece com o professor Luís Henrique e com o nosso professor Cid Teixeira. Ele também é imortal, membro da Academia de Letras da Bahia, ocupando a cadeira 19, enfim, tem se constituído numa fonte permanente, sempre procurado pelos jovens, pelos estudantes, e sempre disposto a receber e



a conversar, como aconteceu, inclusive, na visita do seu aluno, o deputado Zé Raimundo, quando ele esteve pessoalmente para lá fazer a entrega do convite ao nosso Cid.

Para não muito me alongar, devo aqui fazer...Não sou muito de exagerar as coisas, quem me conhece sabe que é característica minha o ato da ponderação. Mas neste momento não me contenho e posso dizer, deputado Zé Raimundo, que esta homenagem que é prestada ao professor Luís Henrique Dias Tavares e Cid José Teixeira Cavalcante, pode ter algo igual aqui nesta Casa, principalmente, no caso em tela, por se tratar da entrega da Comenda Dois de Julho.

Mas estas homenagens não podem ter nada mais importante do que aquilo que, hoje, aqui se faz pelo que eles representam (palmas) para a cultura baiana, para a intelectualidade baiana, pelos exemplos que eles, sempre, deram e continuam dando. (Palmas) Então esta é a verdadeira homenagem que se quer de uma instituição como a Assembleia Legislativa da Bahia.

Quantas e quantas vezes, de longe, podemos assistir ou não compreender determinadas homenagens que são, meramente, para transmitir um agradecimento ou um carinho a figuras que não trouxeram, em seu costado, um trabalho, uma cultura, uma intelectualidade para a Bahia?

E, hoje, tal verdade está muito visível, pois está expressando o merecimento desta homenagem tanto ao professor Cid quanto ao professor Luís Henrique. De forma que nós ficamos muito felizes que isso aconteça.

E há algo mais interessante ainda, pois tais homenagens ocorrem na última sexta-feira 13 do mês de um ano que termina em 13. Hoje é dia de Santa Luzia. Pode-se dizer: hoje é o dia da visão. Então foi, realmente, com muita visão que tudo isso acontecesse. Nada acontece por acaso!

E ficamos nós todos muito honrados de aqui estar para homenagear estas duas figuras que são pelo que são e não pelo que têm. Eles representam tudo aquilo que está com eles ao transmitir os seus conhecimentos, permanentemente, a todos aqueles que os acompanham e os admiram.



Por tudo isso, quero dar os parabéns, também, ao deputado Zé Raimundo e a todos os demais integrantes que aprovaram a realização destas homenagens.

Muito obrigado a todos. (Muitas palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)



7903-III

Ses. Esp. 13/12/13

Or. Marli Geralda

Comenda Dois de Julho aos Historiadores Cid Teixeira e Luís Henrique Dias Tavares.

O Sr. PRESIDENTE (Zé Raimundo):- Registro as presenças da Sr^a Olívia Santana, chefe de gabinete da Secretaria do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte do Estado da Bahia e do Dr. Marcondes Dourado, diretor da Dimas da Fundação Cultural do Estado da Bahia (Funceb).

À proporção do avanço desta sessão especial, anunciaremos as presenças das pessoas que chegam. Queiram, por favor, dirigir-se ao Cerimonial da Casa para registrar as instituições.

Dando prosseguimento à nossa sessão especial, é com muito prazer e orgulho que tenho a satisfação de passar a palavra à professora Marli Geralda, pois falará em nome do professor Luís Henrique Dias Tavares.

Com a palavra a Sr^a Marli Geralda. (Palmas)

A Sr^a MARLI GERALDA:- Bom-dia a todas as pessoas presentes neste auditório. É com muito prazer e muita honra que me encontro aqui.

Neste momento, gostaria de cumprimentar a ilustre Mesa na pessoa do Sr. Presidente, deputado Zé Raimundo, e demais membros que a compõem, pois, sobretudo, estão, aí, os dois homenageados, quais sejam, o professor Luís Henrique e o professor Cid Teixeira. Do primeiro, fui aluna; do segundo, fui colega. De modo que todos os dois estão muito ligados por laços afetivos e intelectuais a mim.

Lerei um pequeno texto. Não se espantem, pois só é grande no tamanho do papel. Este é um extrato de um artigo maior que elaboramos eu, Marli Geralda, e a professora Maria José de Souza Andrade, parceira de muitos anos em nossos trabalhos intelectuais. O mesmo será, brevemente, publicado pela revista da Uneb. Como este artigo contém tudo aquilo que nós gostaríamos de dizer de maneira sucinta e apertada no espaço de um artigo de uma revista, nós tiramos dele este extrato que será lido aqui.



Chamamos a atenção para o seguinte fato: a ideia desta homenagem não é nova. Por volta de 2010, quando o deputado Zé Raimundo teve um encontro informal com a professora Zezé Andrade, provavelmente em Vitória da Conquista, ele externou, naquela oportunidade, o desejo de prestar estas homenagens aos professores Luís Henrique e Cid Teixeira. Daí, as gestões foram sendo desenvolvidas com o apoio da Assembleia e, hoje, se concretiza através desta sessão especial, na qual também cumprimento Cláudia, Luiz Guilherme e os filhos, Milena, noras e genros.

(Lê) “Luís Henrique Dias Tavares nasceu a 25 de janeiro de 1926, na cidade do Recôncavo baiano de Nazaré, às margens do rio Jaguaripe.

Era filho do Sr. Luís Dias Tavares, que exercia na cidade o cargo de coletor estadual, e da professora Elza Dias Tavares. O casal teve apenas dois filhos.

Como menino do interior baiano, Luís Henrique viveu sua infância entre a fazenda Rocinha, de propriedade da sua avô' e a bucólica e antiga Cidade de Nazaré, cuja freguesia fora criada em meados do século XVIII em louvor a Nossa Senhora da mesma invocação.

Alfabetizado em casa por sua mãe, como a maioria das crianças de sua geração, foi matriculado posteriormente em escola primária na Cidade de Nazaré e no Colégio Clementino Caldas, dando início à sua vida escolar. Mais tarde, em 1941, já em Salvador, cursou o ginásio e o segundo grau (equivalentes aos atuais Ensino Fundamental e Ensino Médio) nos colégios Maristas, Ipiranga e no Colégio da Bahia/Central, onde concluiu seu Curso Clássico em 1947.

Em 1948 ingressou, por vestibular, no Curso de História e Geografia da Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia.”

Naquela época ainda era Universidade da Bahia, só passou a ser Federal da Bahia depois de 1967, numa reforma geral na época dos governos militares.

(Lê) “colou grau como Licenciado em 1952. Sua trajetória como professor do Ensino do Segundo Grau ocorreu no Colégio da Bahia/Central, mas sua maior atuação como professor desenvolveu-se a partir de 1957, quando foi indicado pelo Departamento de História da Faculdade de Filosofia para substituir, na condição de professor contratado, o Prof. Luiz Viana Filho, na cadeira de História do Brasil.



Em 1961, prestou concurso para a cátedra de História do Brasil na condição de Livre Docente, defendendo a tese 'O Movimento Revolucionário Baiano de 1798', trabalho que está entre os primeiros da longa série de estudos do Prof. Luís Henrique sobre o Movimento de 1798, conhecido hoje por tão diversas, e nem sempre corretas, denominações! Aí também oficializava-se sua mais longa trajetória como professor, mestre e orientador, trajetória essa construída numa prática solidamente alicerçada na pesquisa e na produção do conhecimento.

Dessa extensa biografia foram destacados dois focos que, a nosso juízo, meu e da Profª Zezé Andrade, expressam mais claramente a marca impressa na vida intelectual e profissional de todos os que tiveram o privilégio de conviver com o professor. Os focos indicados referem-se ao seu papel como mestre e como pesquisador/historiador.”

Disso falamos de dentro, de uma experiência que vivemos muitos anos em nossas vidas, e estamos expressando as memórias dessas experiências.

(Lê) “LUÍS HENRIQUE: O MESTRE

Embora tenha iniciado sua carreira docente como professor do Ensino Médio, lecionando História Geral e História do Brasil no Colégio da Bahia (Central), foi como professor universitário, titular de História do Brasil no Curso de História da Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia, que Luís Henrique construiu sua prática docente. De 1957 até sua aposentadoria, em 1991, o Prof. Luís Henrique foi responsável pela formação de gerações inteiras de professores, pesquisadores e cidadãos das letras em geral, tendo a sabedoria de formar discípulos que muito se beneficiaram com seus ensinamentos e exemplos.

Numa retrospectiva de quem assistiu a defesa de sua tese de Livre Docência na Universidade da Bahia em 1961, torna-se possível identificar algumas das características marcantes de seu desempenho como professor.

Em primeiro lugar, sua didática. O tom discursivo e expositivo comuns as aulas dos cursos superiores há 40 anos, em nada prejudicava a didática natural, a forma clara e direta de apresentar o assunto, estabelecer correlações e alcançar a comunicação prevista em cada tema. Uma didática marcada pela simplicidade e honestidade intelectual, ao afirmar



quando inquirido estar estudando, estar examinando determinado assunto e, portanto, ainda não ter um juízo formado sobre o mesmo.

Em segundo lugar, a disciplina para a leitura da bibliografia básica de seus cursos. A exigência de que os alunos lessem os autores clássicos, distribuídos entre cronistas, viajantes e historiadores constituíram-se numa característica marcante de seu trabalho. Ao lado desses autores, os trabalhos dos responsáveis pela nova historiografia brasileira, marcada nos anos 60 pelos marxistas e nos anos 70 e 80 pelos enfoques da história social e história cultural.

Essas leituras, longe de se constituírem como obrigação maçante, eram estimuladas pelas atividades em classe, desenvolvidas em torno de comentários críticos e comparativos entre os autores; da contextualização das obras; da ampliação da perspectiva histórica de cada tema tratado tanto pela historiografia tradicional quanto pela mais moderna.

Em terceiro lugar, o estímulo a elaboração de textos como forma de desenvolver, aprimorar e ampliar a prática redacional, sempre problemática, entre os estudantes universitários.

A introdução à experiência de pesquisa destaca-se como uma de suas grandes contribuições a formação dos profissionais de história na Bahia. Numa época em que Metodologia da Pesquisa não figurava como disciplina nos currículos dos Cursos de História, o aprendizado nessa área dependia tão somente do interesse do estudante e da oportunidade de se aproximar de um professor que se dispusesse, voluntariamente, a orientá-lo. Não era aula formal, não havia provas nem notas, mas havia o compromisso, muito mais profundo, de acompanhar como auxiliar e desempenhar as tarefas estabelecidas pelos professores.

Luís Henrique foi um desses professores que ensinou a pesquisar, levando alunos que se interessavam pelo trabalho a pesquisar no Arquivo Público da Bahia, quando de sua gestão como diretor daquela casa. Leitura paleográfica, cuidados com o manuseio dos documentos, interpretação dos textos manuscritos e tantas outras práticas hoje comumente ensinadas nos modernos cursos de História, foram ensinadas ali, ao redor da mesa grande instalada na sala da diretoria do Arquivo.



Por último, o papel do professor que estimula o aluno a não confiar na última palavra, a estar sempre em busca de novas explicações.

Um dado relevante nessa trajetória docente é a busca da exatidão da informação confiável e comprovada. A abordagem política, viés preferido na sua produção historiográfica, exigiu por si mesma a busca dessa exatidão, traço do trabalho científico também transmitido a vários dos seus discípulos.

Apesar de todo esse zelo pela informação correta, o professor sempre esteve acessível e compreensivo diante das interpretações apressadas ou mesmo imaturas de estudantes envolvidos no ativismo político e no uso anacrônico de modelos históricos.

Sua presença como professor não se esgota na relação com os alunos. Participante ativo da vida universitária através dos órgãos superiores da Universidade, Luís Henrique posicionou-se diversas vezes frente a questões candentes da instituição. Nos anos 80, não só candidatou-se ao cargo de Reitor da UFBA, como também expressou de forma firme e direta seu pensamento sobre a grave crise que se instalara na Universidade. A propalada falta de recursos, tida como a maior responsável pelo lento esfacelamento das universidades públicas, foi questionada por Luís Henrique ao conceder uma entrevista à imprensa em 1989, apontando a falta de autonomia institucional como o ponto de origem de vícios e equívocos. Gerenciamento dos recursos, estabelecimento do projeto universitário e correção na prestação de contas seriam os elementos básicos para a elaboração de um novo projeto acadêmico e uma nova Universidade, voltada para a sua missão de produtora do conhecimento”.

O segundo foco que selecionamos aqui foi o de Luís Henrique como pesquisador e professor, mas, como sei que o horário já está alongado, vou citar apenas o que selecionamos e depois os interessados poderão ler no famoso artigo que será publicado.

Nós selecionamos as seguintes publicações:

A História da Bahia, que é uma publicação que em si mesma já tem uma história. Ela tem 55 anos de sua primeira publicação, em 1958. Daí essa *História da Bahia* foi crescendo, crescendo, e ele sempre incansável, sempre achando que pode melhorar, que não está bom, que vai acrescentar mais alguma coisa. Isso aí não acaba nunca.



Estudos sobre a Conjuração Baiana de 1798. Como disse antes, foi objeto da sua primeira tese de livre docência e que se desdobrou daí em diante em outros livros e em outros artigos.

Estudos sobre a Bahia na Independência do Brasil. Aliás, quero deixar registrado que a expressão “Independência do Brasil na Bahia” foi forjada por Luís Henrique, naqueles anos em que havia uma polêmica grande com José Honório Rodrigues a respeito dessas coisas. Ele deixou firme a sua posição, mostrando que a independência do Brasil se fez, se concretizou na Bahia. E daí todos nós, os seus discípulos, passamos a repetir essa expressão.

O comércio proibido de escravos, obra já citada pelo professor José Raimundo.

Os *Paradidáticos*, que marca a introdução do professor nessa via mais moderna, mais recente, de produção historiográfica para alunos dos Ensinos Fundamental e Médio, utilizando sua sólida formação como historiador, mas também sua experiência como romancista e novelista. Então ele tem livros paradidáticos que abordam a Conjuração de 1798, como não podia deixar de ser, e também a questão do Brasil naqueles primeiros anos pós-Independência, no governo de Pedro I. Esta é realmente uma grande contribuição que Luís Henrique dá à juventude de hoje, inclusive estimulando o hábito da leitura.

(Lê) “Nunca é demais enfatizar que, malgrado a variedade de temas e diversidade da abordagens, a marca registrada de seus trabalhos tem sido sempre a busca da precisão na informação, a capacidade de corrigir conclusões que, a seu juízo, estão incompletas e, no trato com seus discípulos, a disposição incansável de ensinar.

Ao longo de muitos anos, durante os quais tivemos o privilégio de ser sua aluna e discípula muito nos beneficiamos com as sugestões, ensinamentos e correções que orientaram nossa vida profissional, cujo testemunho deixamos aqui registrado neste momento.

Roguemos, nós todos os historiadores baianos do século XXI, cada qual aos seus deuses, para que um dia possamos olhar o caminho percorrido e enxergarmos, como o professor Luís Henrique, uma trilha de trabalho, competência, lucidez e dedicação”.

Muito obrigada. (Palmas.)

(Não foi revisto pela oradora.)



7904-III

Ses. Esp. 13/12/13

Or. Cid Teixeira

Comenda Dois de Julho aos Historiadores Cid Teixeira e Luís Henrique Dias Tavares.

O Sr. PRESIDENTE (Zé Raimundo):- Dando prosseguimento aos nossos trabalhos, gostaria de passar a palavra ao nosso homenageado, o professor Cid Teixeira. (Palmas.)

O Sr. CID TEIXEIRA:- Exmº Sr. Deputado José Raimundo que preside esta sessão e autor da indicação que resulta nessa homenagem ao meu querido colega e amigo Luís Henrique Dias Tavares, da qual faço parte. Permitam-me que eu comece não saudando nominalmente todos os presentes, todos se tenham, por favor, incluídos na saudação inicial desse discurso.

Eu não sei, na história do Brasil, na total história do Brasil, do descobrimento até agora, de data que mereça maior respeito do que o dia 2 de Julho (Palmas).

Santos Barreto, autor da letra, e Santos Titaro, autor da música – o retrato de um está no Instituto Histórico, ele com os óculos na testa; o retrato do outro está no Rio de Janeiro, em poder dos herdeiros do professor Pedro Calmon – tanto um como outro definiram de maneira insuperável o que é o dia 2 de Julho. *Nasce o sol a 2 de Julho, Brilha mais que no primeiro!* Isto, o sol do nosso entusiasmo pela independência é mais forte do que o sol do Fiat Lux, o sol do Gênesis, o sol da criação do mundo. Esse foi objeto da nossa admiração.

E vai adiante: num dístico que deve ser aquele que forma o nosso comportamento, pessoal, comportamento político, comportamento profissional: “ *Nunca mais o despotismo regerá nossas ações, Com tiranos não combinam, Brasileiros corações!*”

Essas duas frases, esses dois versos do Hino ao 2 de Julho, são, no meu entender, o mote que deve inspirar o comportamento de todos nós que nascemos no Brasil e tivemos a felicidade e o privilégio de nascer na Bahia. “*Nunca mais o despotismo regerá nossas ações, com tiranos não combinam, brasileiros corações*”.



A Cidade do Salvador foi pródiga em homenagear aquela gente que lutou em Cabrito, lutou em Pirajá. Não esqueçam que a independência formal, aquela que o país comemora todos os anos no dia 7 de Setembro, foi um ato de coragem política do príncipe D. Pedro, mais tarde Imperador Pedro I.

Mas, isso ocorreu em 1822, setembro de 1822, o 2 de Julho é Julho de 1823. O conformismo pela independência por parte dos homens de Portugal não se fez lá no Ipiranga, não se fez com o grito de I, mas aqui, na Bahia, em Cabrito, Pirajá, Largo do Tanque, em suma, todo o espaço ocupado pela luta da Independência, que, como muito bem analisado pelo professor Luís Henrique no seu trabalho sobre a Independência do Brasil na Bahia, prolongou-se por mais 1 ano, até que as tropas entraram na Cidade do Salvador, no dia 2 de julho.

De vez em quando aparece um prefeito, um vereador, que resolve mudar o nome daquela rua que vai do Largo do Tanque até o Largo da Lapinha. Não adianta, bota o nome de gente, tira o nome de gente, mas está de tal maneira entranhada na vida baiana o nome daquela rua que até hoje continua sendo a Estrada da Liberdade. Ninguém botou o nome, não há ato, não há decreto, não há expressão burocrática alguma que dê àquela rua o nome de Estrada da Liberdade. Deve ter lá o nome de alguma pessoa muito importante, naturalmente, mas Estrada da Liberdade é que nos dá a real dimensão do que significou o ingresso das tropas vencedoras na Cidade do Salvador.

A Estrada da Liberdade vai desembocar no Largo da Lapinha, onde, com justiça, colocou-se o busto do general Pedro Labatut. Há quem faça o pernosticismo de pronunciar “Labati”, mas acho uma demasia. Não precisa demonstrar que sabe francês.

Ali, meus senhores, passado o tempo, construiu-se um pavilhão que abriga os carros emblemáticos que todo o ano desfilam pela cidade. Ora, sou testemunha ocular, eu era um quase menor, empregado do Instituto Histórico, e bem me lembro da recuperação daquilo. Vou contar porque alguém vai-se perder. Os carros, primeiro o do caboclo, depois o da cabocla, recolhiam-se, desde que começaram os desfiles, no Liceu de Artes e Ofícios, no Solar do Saldanha. Depois, passaram para o Solar do Ferrão.



Então, houve a iniciativa de Bernardino José de Sousa de comprar uma casa e construiu o que se chama, hoje, o Pavilhão da Lapinha, onde estão guardados os carros emblemáticos. Saíam dali e iam até o Terreiro para, simbolicamente, recriar-se o *Te Deum* da entrada da tropa. Do Terreiro voltavam para o Largo da Lapinha, numa festa muito pouco, digamos, organizada, mas que demonstrava a euforia baiana pela Independência.

Até hoje, quando alguém quer fazer alguma coisa apressada e apaixonadamente diz: “Toca o carro para a Lapinha!” Acho que toda gente aqui já ouviu essa expressão. (Palmas) Não é por acaso. Sem querer, aliás, às vezes até sem saber, quando usa esse ditado está homenageando aquela gente que começou a homenagem com a ida do carro do Solar do Ferrão até a Lapinha, de volta, para ser guardado lá.

Mais tarde, por um plebiscito, por uma consulta pública, escolheu-se o Campo Grande para uma homenagem aos heróis do 2 de Julho. Antes, já havia uma homenagem. Quando se colocou a água encanada na Cidade do Salvador, foram distribuídos alguns chafarizes na nossa cidade.

Com a euforia da água encanada domiciliar, fizeram uma farra, destruíram os chafarizes públicos, salvou-se a estátua de Cristóvão Colombo, que está no alto de uma coluna numa praça do Rio Vermelho, que de Largo da Mariquita, passou-se a chamar Praça Colombo.

Havia, entretanto, um chafariz que foi poupado, que estava no Largo 2 de Julho. O nome dele foi a homenagem primeira que a cidade prestou aos heróis. O chafariz esteve ali até quando a euforia urbanística baiana desmontou a homenagem, desmontou o monumento. Ele foi encontrado – eu estava presente –, jogado no capim, na sujeira, atrás de um depósito da Limpeza Pública, nas sete Portas.

Felizmente, graças a Deus, graças à memória dos heróis do 2 de Julho, ele estava intacto. Dois homens, o Cel. Antenor Zeferino Cocenza – acredito que alguém se lembre deste nome nesta Casa –, e o professor Francisco da Conceição Menezes resgataram um chafariz no depósito das Sete Portas, e o repuseram com as homenagens devidas.

Não mais no Largo 2 de Julho – porque os feirantes, e seus respectivos eleitores eleitos estavam preocupados em não afetar os negócios de varejo ali –, foi levado ao Largo



dos Aflitos, defronte do quartel da Polícia Militar, por intermédio, por vontade do Cel. Antenor Zeferino Cocenza.

Nessa altura, já estava lotado no Campo Grande o monumento ao 2 de Julho, monumento esse encomendado na Itália e colocado ali com todas as festas, com tudo que poderia ter. Para simbolizar a independência, foi escolhido, como já havia sido antes no Largo 2 de Julho, a figura do índio do 2 de Julho encimando a coluna do Campo Grande.

Isso fez com que, ao redor da coluna, fossem colocadas figuras simbólicas, palavras do 2 de Julho. O Campo Grande também não assimilou o nome de Praça 2 de Julho. Formalmente ele se chama Praça 2 de Julho, mas todos o chamam de Campo Grande. Não tem mais monumento no Largo 2 de Julho, mas continua sendo o Largo 2 de Julho.

Isso é uma prova da insistência e do poder de mandar que tem o povo. Esse poder de mandar tornou-se ainda mais evidente quando, na década de 40, 43, restaurou-se o préstito do caboclo, porque, na década de 20, a insensibilidade de alguns políticos no poder, emperram a saída dos caboclos para sociedade. Havia festas, palma de palha de coqueiro amarrada nos postes, mas não havia carro.

Foram os mesmos paladinos – a palavra é pomposa mas é verdadeira –, Antenor Cocenza e Conceição Menezes que restauraram o préstito, saindo do Largo da Lapinha, fazendo a parada tradicional do primeiro percurso até o Terreiro de Jesus, e à tarde indo até o monumento novo, no Campo Grande.

É impressionante depor como estava viva, como estava acordada, como estava importante a lembrança dos festejos de Dois de Julho. Mal se anunciou que os carros voltariam a desfilar, começou a ser procurado o Instituto Histórico. Eu era menor e *boy* para saber como seria e tal. E por iniciativa própria, por iniciativa pessoal e por iniciativa particular, não foram poucas as casas do Largo da Lapinha até o Terreiro de Jesus que ornamentaram as suas fachadas com palmas, com enfeites de papel, com bandeirolas, etc.

Alguns nomes se destacaram neste processo de recuperação dos festejos do Dois de Julho que dá nome a esta comenda que temos aqui. Quero citar aqui o nome do Coronel Álvaro de Oliveira e Silva, morador da Baixa de São José, das duas ladeiras de quem vai



para a Estrada da Rainha. Ele foi o primeiro a ornamentar a sua casa de uma maneira, posso dizer, espetaculosa, quando chamava a atenção de toda a gente para a passagem do cortejo.

Lá, na rua dos Perdões, um velho senhor, cujo primeiro nome não sei, o Sr. Almeida Gouveia fez, também, uma ornamentação na rua toda dos Perdões para a passagem do Cortejo de Dois de Julho. Ele chegou ao Campo Grande para o *Te Deum* e, mais tarde, foi levado até... Ele chegou à Praça da Sé, Terreiro de Jesus, para o *Te Deum* e, à tarde, foi levado para o Campo Grande tal como ocorre até hoje.

Esta festa, meus senhores, não era oficial. Foi preciso que, recentemente, a então deputada estadual – não sei se ela está presente, pois, infelizmente, não a conheço pessoalmente –, a Sr^a Alice Portugal, transformasse este feriado em data pública formal como o *Dia Dois de Julho*. Era um feriado conquistado, era um feriado público, era um feriado sem nome formal em Diário Oficial nenhum, era um feriado que vinha do sentimento dos baianos da cidade de Salvador.

Isso parece importante, porque é a continuidade do processo histórico que se fez por mais de um século.

Em 1923, o Diário Oficial do Estado publicou uma edição especial com mais de 500 páginas que, hoje, é uma raridade bibliográfica que requer, Sr. Presidente, quem sabe?, uma reedição, a fim de colocar, ao alcance das novas gerações, a história do Dois de Julho vivida no século XIX e, ali, se fez.

A partir de então, o Instituto Histórico mantém a guarda dos bens do Dois de Julho. Quanto a dizer que o Instituto mantém a propriedade, não é bom que se diga isso, porque o carro do Dois de Julho é meu, é seu, é da cidade, é de toda a gente. O Instituto Histórico mantém a guarda, mantém o cuidado, mantém o pavilhão da Lapinha aberto, de vez em quando, para visita. E, no mês de julho, sobretudo, é colocado para a visitação pública.

Então, observem os senhores. Quando a Assembleia Legislativa cria uma homenagem com o nome de Comenda Dois de Julho, ela está se incorporando aquilo que, desde o dia 2 de julho de 1823, é imanente, é presente, é entranhado no ser baiano ao recitar



o Hino da Bahia: *“Nasce o sol a 2 de julho, brilha mais que no primeiro, é sinal que neste dia, até o sol é brasileiro.”*

Quem disse esse poema foi Ladislau dos Santos Titara, autor da letra do Hino do Estado da Bahia. Havia uma escola como o nome Ladislau dos Santos Titara, ali, no Rio Vermelho, na linha de baixo, na Vasco da Gama. Não sei se ainda está lá, pois não vejo mais a placa.

Também não sei se a cidade tem uma lembrança de José dos Santos Barreto, autor da melodia do Hino do Estado da Bahia, além do retrato que está no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.

Esses dois nomes merecem, da nossa parte, quando comemoramos o 2 de Julho, uma lembrança específica, uma lembrança nominada, para que lembremos que independe do poder público, que entra nisso como um aderente de uma coisa mais importante, que é a própria estrutura mental do baiano que honra aquela data.

Muito obrigado. (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)



7905-III

Ses. Esp. 13/12/13

Luís Henrique Dias Tavares

Comenda Dois de Julho aos Historiadores Cid Teixeira e Luís Henrique Dias Tavares.

O Sr. PRESIDENTE (Zé Raimundo):- Gostaríamos de registrar a presença do professor Joviniano Neto, professor da UFBA e presidente da Comissão da Verdade do Estado da Bahia.

Caminhando para conclusão desta sessão, gostaríamos de dizer da alegria que esses dois mestres nos proporcionaram. Este reencontro de amigos, de seguidores, de discípulos, para mim também é um fato gratificante, porque encontro aqui amigos e colegas do tempo da graduação, como a professora Marlene – perdíamos noites preparando seminários e textos para esses mestres –, a professora Maria José Andrade, a professora Marli Geralda, o professor Sérgio Guerra, a professora Selma, colega de mestrado. Enfim, a todas as senhoras e senhores gostaria de agradecer.

De forma especial, agradeço à professora Maria das Graças Leal, que colaborou com a organização deste evento, viabilizando contatos; a Luís Guilherme e a toda a família do professor Luís Henrique Dias Tavares; ao professor Cid Teixeira e a todos os seus amigos. Enfim, é um prazer muito grande contar também com a representação desta Mesa, com as instituições das mais reconhecidas do mundo da cultura, da memória e da história do Estado da Bahia; a presença de representações de secretários.

Foi um privilégio poder compartilhar com todos os senhores este momento.

O Sr. PRESIDENTE (Zé Raimundo):- Passo a palavra ao mestre Luís Henrique Dias Tavares.

O Sr. LUÍS HENRIQUE DIAS TAVARES:- Agradeço muito sensibilizado por esta homenagem. Agradeço as palavras da minha colega e amiga aqui ao meu lado. Sou nazareno, e desejo com muita emoção recordar da minha mãe negra, que me cuidou desde que nasci, Simplicia do Amor Divino. (Palmas)

Também estou aqui lamentando, com muita dor, a ausência de minha esposa, minha companheira para a vida, que infelizmente aqui não se encontra. (Palmas!)



Não vou prosseguir porque já está muito tarde. Mas Simplícia do Amor Divino é inesquecível.

(Não foi revisto pelo orador.)



DL-03

Ses. Esp. 13/12/13

O Sr. PRESIDENTE (Zé Raimundo):- Mais uma vez, gostaria de agradecer aos familiares dos professores Luís Henrique Dias Tavares e Cid Teixeira. Agradeço também aos colaboradores da Mesa, ao Cerimonial, aos nossos amigos dos gabinetes e a todos os senhores e senhoras.

Agradeço igualmente, já anunciando o encerramento, ao maestro Dainho Xequerê, que desenvolve também um trabalho social com essa orquestra de Berimbaus Afinados. Na Internet existem várias gravações e vídeos, que são uma tradição que o mestre segue dando prosseguimento a esse trabalho extraordinário.

Infelizmente, houve aqui na Bahia alguém que ousou dizer que o berimbau é um instrumento fácil. Os senhores viram que é um instrumento extremamente rico e, se utilizado com maestria e conhecimento musical, se torna uma verdadeira orquestra.

Para concluir, convido a todos os presentes para acompanhar a execução do Hino da Bahia pela Orquestra Berimbaus Afinados, de Dainho Xequerê. (Palmas!)

(Execução do Hino da Bahia.)

O Sr. PRESIDENTE (Zé Raimundo):- Declaro encerrada a presente sessão.